

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA – IJUSC

Este *paper* é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista junguiana

Candidata: Jussara Veiga Silva Zardo

Paper 8 – Florianópolis, 10 de janeiro de 2025

A FÉ COMO POSSÍVEL CAMINHO AO ENCONTRO DO SELF

O tema deste *paper* surge a partir da observação de posturas contraditórias que adotamos quando nos deparamos com situações complexas, onde ora estamos confiantes e esperançosos, ora desanimados e descrentes. Esta oscilação, que nada tem a ver com o diagnóstico de transtorno bipolar, normalmente se evidencia quando os problemas persistem, sejam eles de ordem pessoal ou relacional – por exemplo, o enfrentamento de uma doença ou dificuldades de contato/comunicação com pessoas que muito estimamos. Tendo como premissa que passar por sofrimentos é algo inevitável, nosso intuito é discorrer a respeito dos recursos que utilizamos para enfrentar as dificuldades impostas pela vida. Levantamos a hipótese de que um destes recursos é a fé, que entendemos como um símbolo da força, da energia que pode nos conduzir para além do ego, transcendendo este centro da consciência em direção ao *Self* ou si-mesmo, arquétipo que representa a totalidade da psique, e que está em comunhão com toda a humanidade.

Tomaremos como referência a abordagem junguiana, nos permitindo a interlocução com outras áreas do conhecimento e outros autores que escreveram sobre este assunto. Se o sofrimento é inerente à nossa existência, deve existir um '*para que*'! Que aprendizados podemos extrair destas experiências?

Como humanos, costumamos nos desestabilizar, ficar vulneráveis quando alguma experiência dolorosa nos atravessa; neste caso, a conquista do equilíbrio emocional torna-se um dos maiores desafios. Para tanto, podemos recorrer aos profissionais da área da psicologia – ciência que se estabeleceu no final do século XIX, tendo como um de seus objetivos a promoção do autoconhecimento. Trata-se de um processo que exige diálogo entre os mundos interno e externo, podendo com isto restabelecer a harmonia do ser. A experiência nos mostra que o inconsciente se

comporta de maneira compensatória ou complementar em relação à consciência, e que, raramente estão de acordo no que se refere a seus conteúdos e tendências; por isso, são reconhecidos como um par de opostos – enquanto não ‘chegam ao consenso’, o conflito permanece.

De acordo com a teoria junguiana, para que o conflito seja superado, se faz necessário a integração dos conteúdos conscientes e inconscientes – quando isso acontece surge a ‘função transcendente’. O ego, enquanto centro da consciência, é quem julga, que quer ficar no lugar conhecido, tentando determinar a direção; no entanto, a função transcendente só se estabelece quando ele se permite ser guiado pelo *Self* – esta ‘colaboração’ do ego deverá ser espontânea; se não houver uma ‘permeabilidade’, o inconsciente se manifesta à revelia do ego; ou seja, contra a vontade dele – situações estas onde ocorrem os ‘atos falhos’, por exemplo. A pressão vem do *Self* (o maior) para o ego (o menor), e à medida em que este tenha maturidade, ocorre uma transformação, ou seja, o ego se rende à vontade do *Self*.

A função transcendente promove um deslocamento, uma ligeira mudança, geralmente no sistema de crenças da pessoa. Jung enfatiza que “por ‘função transcendente’ não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer suprassensível ou metafísico” (JUNG, OC 8/2, § 131). Diz ainda que “*é chamada transcendente, porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra, sem perda do inconsciente*” (JUNG, OC 8/2, § 145).

Winckel (1985, p. 25) diz que a busca por uma análise psicológica, depende de fatores como idade, cultura, maturidade, personalidade do sujeito e de suas necessidades, podendo ocorrer em três planos distintos: humano e social; filosófico ou espiritualista e metafísico ou religioso. A autora reforça que, a análise junguiana tem dois aspectos “terapêutico e evolutivo”; sendo que, o primeiro é bastante conhecido, pois é direcionado a tratar das neuroses, enquanto o segundo é menos conhecido e difícil de admitir, porque diz respeito à evolução espiritual. Realmente, na prática clínica percebemos que algumas pessoas sofrem por não se sentirem adaptadas ao ambiente em que vivem; outras demonstram sofrimento ao tratar de questões filosóficas, que dizem respeito a vida espiritual e outras ainda, procuram por uma realização que vai além dos bens materiais, estão em busca de um sentido que justifique sua existência.

Vale a pena realçar que, o espiritual pertence ao espírito, diz respeito a aquilo que é reflexivo, estando relacionado ao logos – a lógica por trás de um argumento. O espírito tem como sua contraparte a alma – sinônimo de psique, de imagem, que vem do inconsciente.¹ Ambos precisam se relacionar, pois um espírito sem alma é vazio, e uma alma sem espírito não é capaz de pensar a si mesmo. A falta de equilíbrio entre estas instâncias pode causar mal-estar e sofrimento. Pode-se dizer que enquanto não encontra o que precisa para sentir-se bem, a pessoa está em sofrimento; portanto, este é um sentimento que pode se manifestar de forma mais evidente, como é o caso de uma adaptação social, até questões mais obscuras e profundas, que costumamos identificar como uma ‘crise existencial’.

Sendo colocados à prova, numa tentativa de buscar soluções para o que nos incomoda, se procuramos alguém próximo, que possa validar nossos sentimentos e talvez apontar possíveis caminhos para o enfrentamento da situação, é muito comum ouvirmos conselhos do tipo – isto vai passar – *acredite*; ou então, *tenha fé*! No entanto, o que é a crença? O que é a fé? Esta é uma discussão que vem de longa data, se mostra relevante principalmente nas áreas da filosofia e da religião e mais recentemente, das ciências em geral. Do ponto de vista da psicologia, Hillman diz que:

[...] A fé psicológica começa no *amor pelas imagens*, e flui principalmente através das formas das pessoas nos devaneios, fantasias, reflexões e imaginações. Sua vivificação crescente dá-nos uma convicção crescente de termos e, portanto, sermos, uma realidade interior de significação profunda que transcende nossas vidas. (HILLMAN, 2010, p. 128).

C.G. Jung (1875-1961) foi um pensador que considerou as experiências transcendentais do ser humano, defendendo a ideia de que há um centro ordenador da psique, que precede a consciência. Jung denominou este centro de *Self* ou si-mesmo, reconhecendo que essa estrutura arquetípica não está sujeita ao tempo; apenas as manifestações e as imagens deste arquétipo é que variam de acordo com a cultura e com a época. Por tratar-se de uma totalidade, podemos compreender o si-mesmo como um equivalente psicológico da ideia universal da existência de Deus, que no ocidente normalmente é representado pela imagem de Cristo, e no oriente pela imagem de Buda.

1. Sobre as diferenças entre ‘alma e espírito’, sugerimos a leitura do artigo “O diálogo entre James Hillman e Gaston Bachelard”, de Gustavo Barcellos, que se encontra no livro **Mundos imaginais: segundo Corbin, Hillman e Jung** / organização Marco André Schwarzstein. 2023.

A ponte que fazemos entre a psicologia e a espiritualidade se explica pelo fato de que, se todos os povos e culturas pensaram na existência de Deus monoteísta ou politeísta; então, em nosso inconsciente existe esta estrutura arquetípica, uma função criadora onde ocorre o fenômeno da espiritualidade – e o fenômeno, como fator psicológico é a base do estudo de Jung.

Retomando nossa hipótese, da fé como opção para superação do sofrimento; achamos por bem esclarecer as diferenças entre crença e fé, que apesar de serem conceitos relacionados, mesmo que, em vários dicionários disponíveis encontramos estes dois termos como sinônimos; para o estudo a que estamos nos propondo, eles se mostram distintos. Começaremos pela crença, pois em se tratando de psicologia é comum ouvirmos falar sobre crenças limitantes ou falsas crenças.

Cyrulnik (2018) explica que nascemos com aptidão neurológica para captar sinais corporais, principalmente pelo rosto, emitidos por outros seres humanos, isto possibilita o desenvolvimento das nossas representações. A partir da descoberta dos neurônios-espelho, constatou-se que as crenças podem ser transmitidas; se um personagem considerado influente em determinado meio, emite uma sentença, os ouvintes tendem a acatar a mensagem sem questionar. Crianças pequenas imitam gestos das figuras de apego, pessoas com quem estão vinculadas; este comportamento desaparece com o tempo, mas o efeito espelho nunca se extingue totalmente. O referido autor diz que as crenças se transformam de acordo com a época e que as narrativas podem modificar as crenças. Ele enfatiza que “[...] um encontro, uma emoção, às vezes até um trauma é o que constrói e demarca uma narrativa de si mesmo. [...] a memória não é o retorno ao passado, é a representação do passado” (CYRULNIK, 2018, p. 171).

Com base nestas informações, podemos dizer que a crença é uma convicção, diz respeito ao que é verdadeiro para uma pessoa, sendo construída a partir de suas próprias experiências e pode ser explicada; ou seja, tem um aspecto racional, mas também emocional e cultural, uma vez que passa pelos sentimentos, sendo influenciada pela família, educação e sociedade em que se vive. Além disso, a crença pode ser modificada, sendo flexível e ao mesmo tempo autêntica e irrefutável; particular/pessoal ou compartilhada/grupal. A crença também pode ser interpretada como razão e defendida como ideologia.

Ampliando a discussão sobre a crença, e introduzindo o tema da fé, apresentamos a seguir, no Quadro 1, resumo de artigo onde Jacques Ellul (1912-1994) comenta sobre fé e crença.

Quadro 1 – Crença e fé:

Crença	Fé
Provê respostas a nossas perguntas	Nunca o faz
Fala, atola-se em palavras	Ouve, espera, permanece atenta, colhe sinais
Aproxima as pessoas	Isola o indivíduo
Age como apaziguadora na sociedade	Trabalha de maneira exatamente oposta
Exclui a dúvida	Pressupõe a dúvida
É confortadora	Reconhece a impotência, incapacidade e inadequação da pessoa
Está associada a coisas, a realidades e comportamentos	Reconhece o Definitivo, atribui pouca importância a qualquer coisa que se apresente como substituto do Reino dos céus

Fonte: elaborado pela autora, com base em Ellul, 2021.

De acordo com Ellul (2021), os crentes vivem de acordo com uma realidade convencional, precisam estar juntos, a presença dos outros é motivo de certeza e encorajamento, a ponto de preencher o vazio existencial por uma vida comunitária; se mantêm sempre ocupados, com muitos compromissos e atividades, não abrindo espaços para dúvidas e incertezas, sendo inimigos da diversidade, que propicia autocrítica e novos questionamentos. A fé, por sua vez, raramente preenche a vida, leva a questionar todas as convicções, cada qualidade moral, crenças e até posições políticas, impedindo-nos de atribuir conclusões definitivas, não deixando nada intacto; a única coisa que a fé traz é o reconhecimento da nossa incapacidade, inadequação e impotência, fazendo com que nos deparemos com nossa incompletude.

Simplicidade e complexidade revelam-se nesta afirmação: “para a crença as coisas são simples: Deus é Todo-Poderoso, com a crença nós normalizamos Deus, para que possamos nos sentir confortáveis diante do seu poder. Apenas a fé é capaz de apreciar a imensidão de Deus e a sua verdadeira natureza” (ELLUL, 2021).

O binômio ‘fé e crença’ de fato pode nos inspirar várias reflexões e delimitar campos de experiências intelectuais e existenciais. Quando Jung postula que “[...] onde existe a fé, também existe a dúvida; e onde se acha a dúvida, também está a credulidade” (JUNG, OC XI/5, § 791); percebemos que esta citação corresponde ao

que foi colocado por Ellul (2021) e recorreremos ao texto do mesmo para esclarecer: que dúvida é esta? Segundo ele, a dúvida diz respeito a nós mesmos, do quanto somos legítimos, efetivos, do que fazemos com as forças às quais nos submetemos; pois a fé não favorece meias-verdades; ao contrário, nos obriga a encarar o fato de que não somos nada, que recebemos tudo de presente.

Como dito anteriormente, a fé é um tema que há muito vem sendo discutido. Aparentemente, o termo remete a um vocabulário religioso; todavia, filósofos influentes definiram a fé de várias formas. Citaremos apenas alguns: Platão (428 a.C-347 a.C.) em “A República” define a fé como conhecimento verdadeiro; Santo Tomás de Aquino (1225-1274) em “Suma Teológica” entende a fé como virtude; René Descartes (1596-1650) em “Meditações Metafísicas” defende a fé como conhecimento racional; Immanuel Kant (1724-1804) em “Crítica da Razão Pura” fala da fé como limite da razão; Soren Kierkegaard (1813-1855) em “O Conceito da Ironia” compreende a fé como escolha existencial e William James (1842-1910) em “A Vontade de Crer” refere-se a fé como ato de vontade. Disso, podemos concluir que cada tradição filosófica tem sua própria perspectiva a respeito deste tema.

No Dicionário de Filosofia encontramos a definição de fé como “crença religiosa, como confiança na palavra revelada. [...] o compromisso com uma noção que se considera revelada ou testemunhada pela divindade” (ABBAGNANO, 2012, p. 501). Destacamos também o seguinte trecho:

S. Paulo resumiu as características fundamentais da Fé religiosa nas célebres palavras: “Fé é a garantia das coisas esperadas e a prova das que não se veem” (*Hebr.*, II, I). Tomás de Aquino esclareceu da seguinte forma as palavras de S. Paulo: “Quando se fala de *prova*, distingue-se Fé de opinião, suspeita e dúvida, coisas em que falta a firme adesão do intelecto ao seu objeto. Quando se fala de *coisas que não se veem*, distingue-se fé de ciência e intelecto, nos quais alguma coisa se faz aparente. E quando se diz *garantia das coisas esperadas* faz-se a distinção entre a virtude da Fé e a Fé no significado comum [isto é, crença em geral], que visa à bem-aventurança esperada” (*S. Th*, II, 2, q. 4, a.1). (ABBAGNANO 2012, p. 502).

Nos sentimos chamados a articular o pensamento de um dos filósofos citados, o dinamarquês Soren A. Kierkegaard (1813-1855), também teólogo, poeta e crítico social, com os conceitos propostos pela psicologia analítica. Roos (2021) nos conta que, de modo muito singular, Kierkegaard introduziu no debate filosófico temas como a angústia, a existência e o indivíduo. O reconhecido “pai do existencialismo” defende

a ideia de que a pessoa não nasce um indivíduo, tendo que produzir sua própria individualidade, devendo com isto tornar-se si mesma.

Ao contrário, ou de forma complementar ao pensamento de Kierkegaard, com base na teoria junguiana, entendemos que nascemos com uma individualidade potencial; ou seja, chegamos ao mundo com uma determinada constituição psíquica, e vamos nos transformando conforme as experiências impostas pela vida. Quanto ao ‘tornar-se si mesmo’, segundo o referido filósofo, é uma ideia que corresponde fielmente ao conceito de *processo de individuação*², formulado por C.G. Jung – ressaltando que, de acordo com nosso entendimento, indivíduo é aquele que não é dividido; sendo este o resultado da elaboração e integração dos nossos complexos – aspectos estes a nós desconhecidos, conteúdo do nosso inconsciente pessoal.

Na concepção de Roos “Kierkegaard percebe que não há saída para a superação ou cura do desespero sem um voltar-se para a subjetividade, sem uma atitude específica”. Pela ótica junguiana, reconhecemos que a cura do desespero – ou de qualquer outro mal como sintoma psicológico – depende do equilíbrio entre as forças dos mundos interno/externo. O autor continua dizendo que: “Essa atitude é pensada a partir do cristianismo e entendida como fé, embora a fé não seja apenas uma atitude subjetiva” (ROSS, 2021, p. 68). Ainda sobre Kierkegaard:

O filósofo reconhece na fé um valor inestimável para o ser humano. [...] uma nova possibilidade se abre para o homem religioso. Deus não é uma realidade intangível. Há um ponto de encontro entre a finitude humana e o infinito. Esse ponto misterioso é a fé. O ser humano, esgotado na finitude, levado ao mais extremo de suas forças, entrega-se ao divino com todo seu coração (VERÍSSIMO, *in* Angerami, 2022, p. 512).

Esse ponto de encontro entre a finitude humana e o infinito, é o que Kierkegaard chama de fé, dizendo tratar-se de um ponto misterioso. Para nós, mistério é o incognoscível, aquilo que não pode ser conhecido; portanto, concordamos plenamente com o que diz Jung “[...] assim como o conhecimento não é fé, também a fé não é conhecimento. [...] o paradoxo muitas vezes citado do ‘conhecimento pela fé’ procura em vão construir uma ponte sobre o abismo que separa as duas coisas”. (JUNG, OC X/3, § 853). Para ele:

2. “[...] o processo de Individuação é um fato biológico – simples ou complicado, dependendo das circunstâncias – mediante o qual todo ser vivo torna-se aquilo que está destinado a ser desde o começo. Este processo, naturalmente, manifesta-se no homem tanto psíquica quanto somaticamente”. (JUNG, OC. XI/6, § 460).

[...] a fé implica, potencialmente, num *sacrificium intellectus* (desde que o intelecto exista para ser sacrificado), mas nunca num sacrifício dos sentimentos. [...] a fé entra em choque com a ciência, recebendo deste modo a sua recompensa, pois se nega a tomar parte na aventura espiritual de nossa época. (JUNG, OC XI/5, § 763).

Assim sendo, as posturas contraditórias que adotamos quando passamos por situações difíceis, ao enfrentarmos problemas que persistem, podem ser compreendidas como ‘uma luta’ entre o ego e o *Self*; onde nosso ego, como centro da consciência pretende obter o controle da situação, deseja saúde plena e harmonia perfeita em nossos relacionamentos. Neste caso, tendemos a crer/acreditar que podemos ter e fazer tudo o que queremos; no entanto, a referida postura talvez esteja mais próxima da onipotência. Como diz Jung, precisamos ‘sacrificar algo’, como seres humanos temos que tomar consciência de que somos apenas ‘criaturas’, somos livres com condições limitantes; ou seja, nosso livre-arbítrio é relativo.

Por outro lado, existe algo maior, que podemos chamar de Deus, o Criador, Eu Superior, Buda; enfim, a nomenclatura fica a encargo de cada pessoa – representado pelo arquétipo do *Self* ou si-mesmo, que o pensamento racional não consegue alcançar. Alguém que experencia esta totalidade encontra-se com o sagrado, aquilo que o teólogo Rudolf Otto (1869-1937) chamou de *numinoso*, fascinante, *tremendum*; sendo esta experiência idêntica à que foi descrita por pessoas que disseram experimentar a relação com Deus. Então, quando falamos da fé, é essa a instância a que estamos nos referindo; que nos faz questionar, duvidar, examinar nossa consciência, nos perguntando o tempo todo: fiz tudo que estava ao meu alcance? Tomei as medicações corretamente? Tem algo mais que poderia ser feito para melhorar minha saúde ou meu relacionamento? A partir deste exame de consciência, esgotadas as possibilidades de fazer algo diferente, o que nos resta é entregar!

A ‘entrega’ pode nos trazer o equilíbrio emocional que precisamos para não cairmos em depressão, levando nossa vida e nossos projetos adiante; para não ficarmos também alimentando falsas crenças e nos frustrando por não nos sentirmos realizados em alguma área da nossa vida. Desta forma, evidenciamos uma mudança de atitude, saímos da ‘gangorra’ confiança/esperança X desânimo/descrença. Esta atitude nos faz lembrar a “Oração da Serenidade”, de autoria atribuída ao filósofo romano Boécio (480-524), que diz: “Concedei-me Senhor, a serenidade necessária

para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar as que posso e sabedoria para distinguir umas das outras”.

O que temos a aprender com isso? ‘*Para que*’ mesmo temos que enfrentar determinadas provações? Muitas vezes, estas provas nos ensinam a ter mais paciência, quebram nosso orgulho, tiram-nos a certeza de que fizemos tudo certo; outras vezes, promovem o desapego, exigem nossa autorização para que ‘o outro’, envolvido na relação, seja livre para escolher e responsável o suficiente para decidir, responsabilidade esta que ele deve assumir diante da própria liberdade. Afinal, o processo de individuação é um caminho individual, ninguém pode fazer por nós.

As feridas emocionais deixarão suas marcas, sempre; mas de nada adianta tampá-las, colocar curativos, fazer de conta que não existem, pois só podemos curá-las quando as encaramos de frente, quando damos a atenção que elas merecem e o direito a elas de existirem. As marcas deixadas por estas feridas nos transformam, possibilitam a relativização da nossa auto importância, nos colocam na condição de humanos, além disso, nos torna sensíveis às dores alheias.

Diante do exposto, podemos inferir que a crença está associada à vida intelectual, ao ego – como representante da nossa consciência, ao racional, previsível, profano, com aquilo que pode ser conhecido. Lembramos ainda que o sistema de crenças, como conjunto de ideias ou de fantasias da pessoa, pode ser a raiz do que a faz sofrer e adoecer. A fé, por sua vez, sendo associada ao *Self* – arquétipo da totalidade; traz aspectos do mistério, do incognoscível, do sagrado, irracional e imprevisível, onde podemos encontrar o sentido da vida, a nossa essência. Porém, a vida é composta destas duas realidades, onde ambas são importantes para nosso processo de individuação.

Para concluir, infelizmente, o homem moderno parece ter se afastado do *Self*, seguindo padrões automatizados. Percebemos que nossa sociedade tem demonstrado maior valor às questões materiais, à aparência; dando menos valor às questões espirituais, que nos reconecta ao sagrado. Portanto, nossa tarefa está em nos reaproximarmos do *Self* para reencontrarmos nossa essência nessa existência, e a fé pode ser o caminho!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ANGERAMI, Valdemar Augusto (org). **Psicologia e religião**. 2. ed. – Belo Horizonte: Artesã, 2022.

CYRULNIK, Boris. **Psicoterapia de Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

ELLUL, Jacques. **Fé e Crença**. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/613916-fe-e-crenca-artigo-de-jacques-ellul> - 06/11/2021. Acesso em 29/05/2024.

HILLMAN, James. **Re-vendo a psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Reflexões Junguianas).

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis, Vozes, 2013. (Obras completas de C.G. Jung; v. 8/2).

_____. **Psicologia e religião oriental**. – Petrópolis, Vozes, 1986. (Obras completas de C.G. Jung; v. 11/5).

_____. **Escritoss diversos: (dos volumes 10 e 11)**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Obras completas de C.G. Jung; v. 11/6).

_____. **Civilização em transição**. – Petrópolis, Vozes, 2013. (Obras completas de C.G. Jung; v. 10/3).

ROOS, Jonas. **10 lições sobre Kierkegaard**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. (Coleção 10 Lições).

WINCKEL, Erna van de. **Do inconsciente a Deus: ascese cristã e psicologia de C.G. Jung**. 2. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

REFERÊNCIA CONSULTADA

SCHWARZSTEIN, M. A. **Mundos imaginais: segundo Corbin, Hillman e Jung** / organização Marco André Schwarzstein. – 1. ed. – Brasília, DF : Academia Imaginal, 2023.